ars Tagarelis

uma novela cômica de digressão



ZZ'STUDIO

Ars Tagarelis

Philipe Z. Alves

Pois bem, vejam que ironia. Ontem mesmo eu estava a festejar na parte de trás de um vulgar restaurante, quando de sopetão sofri o mais franco absurdo.

Ora, a noite já era fria e com cheiro de alcatrão. Pouco importa. Pois então, Fernando, um homem no auge de seus 30 anos, que conheci outro dia no centro, me pediu ajuda. O sujeito me chamou atenção, na ocasião que o conheci, pelo seu cabelo esvoaçante e grisalho, na altura dos ombros, fino como fio de limpar os dentes e tão branco quanto, é verdade. Sua barba lembra a de piratas baratos de filmes com grandes orçamentos, grisalha como cabelo, mas nada esvoaçante.

Eu estava naquele dia no centro, dia que conheci o Fernando, porque eu esperava Judite. Judite é minha prima do interior que veio tentar a vida na cidade como jornalista. Por mais que eu tenha dito a ela que jornalismo era coisa do século passado e que agora as pessoas se informam pela internet. Ela insiste que a internet é manipulável, como se tinta em um papel fosse algo legitimado. Por quem? Eu compraria uma impressora para imprimir meu próprio jornal com a primeira página anunciando a transferência da estátua da liberdade para BH, mas isso provavelmente não a convenceria, então poupo meu tempo e dinheiro.

E como Judite se atrasou enquanto eu a esperava chegar do interior, eu acabei indo a taberna do senhor Paulo para tomar um trago.

O senhor Paulo é um querido! Conhece-me desde tenra idade, foi amigo de meu pai, jogavam bola juntos no time de várzea do bairro, o Onze Unidos. Nome que eu acho maravilhoso para um time de futebol, embora seja deveras elitista. Se você não faz parte dos onze, ou seja, está no banco de reservas, ou seja, isso inclui o treinador, você não está unido e portanto está fora do círculo. Elitista, mas ainda assim um excelente nome para um clube de várzea do bairro.

O senhor Paulo é um velho alto, bem alto, careca, branco, bem branco, sem barba, meio gordo e de bochecha vermelha, bem vermelha.

Bom, dizia eu, apenas para contextualizar o absurdo prescrito ao qual mencionei no início, que entrei na birosca do senhor Paulo já imaginando saborear uma empada feita pela Dona Lúcia, que era amiga de minha mãe e uma exímia costureira. Dona Lúcia arrumava a roupa das crianças da escola nas festas juninas, dia das mães, dos pais e halloween. Um doce. Lembro-me de uma vez que não tínhamos dinheiro para pagar os retalhos e a costura para uma calça velha minha, pois eu queria ir na quadrilha da escola a caráter, e dona Lúcia não nos cobrou nada. A calça ficou impecável! E eu tive o prazer de ver a velha, que na época nem era tão velha, afinal eu era uma criança, mas com muita atenção me deleitei com suas agulhadas precisas. Dona Lúcia tem um esmero incrível por tudo que faz e por isso suas empadas são tão boas.

Ao passar pelo umbral da porta, já cumprimentei o velho Paulo que estava corado, pois no dia estava um calor infernal, dia que fui buscar minha prima atrasada vinda do interior para tentar a vida como jornalista e conheci Fernando. O calor era tanto que o senhor Paulo não estava corado apenas na bochecha, mas até a careca! Preferi ignorar este fato e me concentrei nas empadas.

Demorou um pouco até que eu fosse servido, mas a empada chegou, e chegou quentíssima. Logo pelo aroma eu já percebi que a receita de dona Lúcia, que já não trabalha mais no bar por causa da bursite, havia sido mantida. Este cheiro me remeteu a primeira vez que comi uma empada da Dona Lúcia, quando eu tinha 10 anos.

Bom, não foi uma empada, foram 12. Mas entendam que eu era um garoto parrudo e corpulento. Era gordo, em verdade, bem gordo. Nota-se pelas 12 empadas, claro, mas a culpa não era minha. Afinal, como eu poderia ser culpado com apenas 10 anos? Minha tia Luzia que era a culpada. “Deixa o menino comer, Ermínia”, ela falava para minha mãe. E eu comia. Mesmo. Doze empadas nem foram meu recorde de absurdo, acho que foram os 16 hotdogs, ou duas pizzas inteiras. Fora os sucos e refrigerantes.

Mas eu mal terminei de saborear a primeira mordida, que agora deixava o aroma fresco do orégano em minha boca, e um tumulto começou na calçada.

O senhor Paulo se assustou, se encolheu atrás do balcão. Ele olhou com os olhos azuis esbugalhados para mim e pediu que eu fosse ver o que causaria tal balbúrdia. “Pois mande Pedro”, eu disse.

Pedro é o filho mais velho do Senhor Paulo, meu amigo de infância. Diferente do pai ele é baixo, muito baixo, também careca, de barba cheia, de pele morena, bem morena, tem quase minha idade e é forte, muito forte. Pedro também comia muito quando era criança, nem precisava da tia Luzia insistir, mas ele não era gordo como eu. Algo de metabolismo ou *tireóide* eu acho. Pedro e eu fomos bem próximos quando crianças, na época de escola, mas acabamos nos afastando no começo da vida adulta. Ele se casou com uma mulher cujas atitudes eu não compactuo, então, por respeito ao matrimônio de meu amigo eu me afastei. Também comecei a estudar em São Paulo, ali no centro, perto da São Luís, mas julgo que o principal foi o matrimônio surpresa do meu amigo mesmo. Digo de surpresa porque a moça namorava outro amigo nosso, Calisto, e a turma ficou *empolvorosa* com a notícia.

“Pedro não está”, disse Senhor Paulo, esbugalhando ainda mais os olhos e ainda mais vermelho! Então, heroicamente me separei de minha empada e fui até a porta ver o que acontecia.

Atravessando o umbral em direção a rua, desejei que fosse Pedro em meu lugar. Uma vez, mais de uma em verdade, Pedro me salvou de brigas, pois era forte, bem forte, como disse; e, um dia em específico, livrou eu e minha prima Judite, a mesma que eu aguardava naquele dia da briga que fui envolvido porque ela demorou demais, e que conheci Fernando. Judite tinha um pretendente que tinha uma pretendente e a garota acabou indo tirar satisfação com minha prima, que acabou por me chamar, não sei direito porque, mas isso fez a garota chamar seu irmão duas vezes maior que eu; e Pedro, que passava pela rua, viu a injustiça e como um bom amigo me livrou de uma boa surra e ainda escorraçou o Don Juan que galanteou minha prima e a irmã do brutamontes.

Mas dizia eu sobre como conheci Fernando, que me pediu ajuda ontem, e seu cabelo esvoaçante. O cabelo me chamou tanto a atenção, porque quando cruzei o umbral da porta sentido a rua, desejando que fosse Pedro em meu lugar, para checar a balbúrdia que incomodava senhor Paulo, eu vi um rapaz, também mais velho de trinta e tantos anos de idade, como eu e Fernando e Pedro, e careca como senhor Paulo e seu filho Pedro, se agarrar aos cabelos de Fernando. Estranho para um homem, ainda mais um de tal idade, estar se atracando no cabelo de outro homem. Então interrompi.

“Que atitude vulgar dois homens, a esta hora do dia, estarem se pegando na calçada. E ainda mais vocês…”, me virei ao público que se formava, “...por incentivarem tamanha barbárie!” Tomei um murro na têmpora que me desequilibrou. Não que tenha sido um *puñetazo*, mas eu estava deveras despreparado para ser vítima dele. Talvez um pouco de inocência da minha parte, pois, já que me pus no meio de uma contenda, com público já inflamado, deveria eu estar preparado para tal resposta.

Rapidamente eu recuperei o equilíbrio e mirei meu agressor e com toda força que tenho lhe disse “*Por quê?*”. O rapaz ficou inquieto, tentou balbuciar alguma coisa, mas suas cordas vocais não responderam. Pelo que entendi, de sua boca trêmula falando no mudo, ele disse algo como “eu não sei, sinto muito”, se virou e pôs-se a caminhar. Como se isso resolvesse o zumbido em meu ouvido. Mas o fato é que minha intervenção heróica resolveu o conflito. O público se pôs a andar, como o rapaz que me agrediu sem ao menos saber por que, e os brigões, agora sem incentivo, puseram-se a olhar nos olhos confusos um do outro. “Estão mais calmos, podemos agir como cavalheiros?” Achei melhor dizer *podemos* que *podem* para não constrangê-los mais, mas eu o tempo todo tenho ciência de minha cavalheirice. “Ta de boa então”, dirigiu-me o careca. A esta altura eu já estava bastante curioso para saber por que o careca atacava o cabeludo, o agora meu amigo Fernando, sim, o mesmo que me pediu ajuda ontem, então retruquei “de boa não. Por que estava agarrado ao cabelo deste homem?”

“Deixa disso!”, disse Fernando, “nem pensar”, eu disse, “agora vejamos o que este homem tem a dizer para estar lhe atacando os cabelos e mais grave, partindo de um ponto de vista egocêntrico, para estar interrompendo uma deliciosa empada que eu saboreava enquanto espero minha prima Judite, que sonha em trabalhar em algo do século passado e que está para chegar do interior?”
“Esse cara aí pegou minha esposa!”, esbravejou o careca. Eu pus-me a pensar então, pois, o pegar era literal e o pobre homem defendia a honra de sua donzela, ou, *pegoooou* e, bem, ele estava defendendo sua própria honra?
E entre aspas o “defendendo sua própria honra”, não é? Porque, após levar um par de chifres ir se atracar com o *Dartagnanhão*, Fernandão no caso, é o fim da picada!
Digo isso porque um primo meu e de Judite também, o Wellington, também foi traído, mas teve uma atitude muito diferente, um verdadeiro cavalheiro. Meu primo Wellington, após os chifres, entrou para academia, foi estudar na cidade e se formou um grande barbeiro. Voltou para nossa cidade, a mesma que Judite tarda em chegar aqui, e abriu logo seu próprio negócio. Meu primo fez tanto sucesso que a TV local foi em nossa casa, talvez daí tenha começado a paixão de Judite pelo jornalismo… aqueles equipamentos, luzes, microfones e fios, não que isso me encante, mas cada um com seu cada qual; e depois da reportagem repercutir o país todo, meu primo Wellington foi para Europa. Hoje é casado com um velho criador de gados no sul da Itália. Sempre me manda fotos com o esposo, de sunga *onçada*. Sempre soube que Wellington era um homem da vida, mas isso não vem ao caso.
Voltando ao conflito do dia que conheci Fernando, quando saboreava uma empada de dona Lúcia na birosca do senhor Paulo enquanto esperava minha prima, provavelmente perdida, Judite vinda do interior. “Este homem…”, apontei para Fernando “... deitou-se com sua esposa?”, voltei a falar ao careca. “Sim”, ele respondeu meio sem graça agora.
“Que absurdo”, eu disse, o que me faz lembrar que ia eu contar a vocês do absurdo de ontem a noite, mas logo eu retomo este ponto, prometo, deixe-me apenas concluir este pensamento. Enfim, “que absurdo”, eu disse e apontei para Fernando que entrelaçou os dedos de um jeito que fiquei confuso e provavelmente eu não conseguiria fazer. E, antes dele finalmente me responder, eu pude ver que seus olhos encheram-se d’água, quando ele disse “eu a amo…” Talvez ele tivesse mais a dizer, mas um soco bem dado do careca o desconcertou completamente.
“Agora sim”, eu quis dizer, “agora sim és um completo covarde; primeiro atacando as madeixas de seu inimigo, já que ele não pode lhe devolver o golpe; e agora atacando-o enquanto ele declama seu amor”, mas me contive, afinal o amor de Fernando era pela esposa do pobre homem. Mas tive de intervir! Não pude assistir tal injustiça quieto. E, diretamente, bem no meio dos olhos do careca eu falei “você não vê verdade no que este homem disse?”, me coloquei entre os homens. “Eu a amo”, gritou Fernando cambaleando. Então segui “me diga, tu amas sua esposa mais do que este homem a ama?” O rapaz, que nem tive a oportunidade de perguntar o nome e por isso chamo-o de careca; e detalhe, chamo assim pois sua careca é o que me mais lembro daquele homem. Brilhava tanto que suspeito que ele usava algum tipo de verniz para couro cabeludo. Enfim, o rapaz careca ficou confuso e pareceu que ele ia me responder algo quando engatei, afinal acho desrespeito total interromper um homem enquanto ele fala. “E, se sua mulher se entregou a este outro homem…”, procurei Fernando com os olhos e o vi finalmente se reconstituir do soco levado com a ajuda de uma estranha e estava voltando para briga, para poder ver meu *gran finale*, “... ela com certeza não o ama tanto quanto você pensa. Não acha? Então por que se humilhar tanto? Por que subtrair o cabelo de um homem que está seguindo seu coração? Você assustou o senhor Paulo, rapaz, por quê? E eu, que fui agredido, tive de apartar agressão, estou neste calor esperando minha prima lunática vinda do interior que está super atrasada, eu saboreava uma empada tão deliciosa quando aquele bando de corvos, que se instigaram com sua demonstração de extrema

masculinidade, começaram a gritar, por que me privou do meu pequeno prazer enquanto espero aquela sonhadora teimosa?"

Ahh, queria eu ter olhos na nuca para ver Judite se aproximar por trás de mim. Bom, eu tive a chance de vê-la, enquanto procurei Fernando com os olhos, ainda mais porque, soube depois, que fora Judite que o ajudou a se recompor. Oras, eu fico um pouco nervoso ao falar em público e estava focado no discurso que eu precisava fazer ao agressor agredido.

"Primo!?", e a voz de minha prima me doeu mais que o soco que havia levado no começo de minha intervenção! "Você me chamou de… sonhadora?"

Ah, doce Judite! Estava eu tão contaminado pela violência daquela calçada que pensei que teria a atenção chamada pelo *teimosa*, mas, de fato, o coração puro da garota se apegou ao *sonhadora*. E é por isso que, mesmo não acreditando que jornalismo seja um grande caminho, apoia ela em suas coisinhas.

Enquanto aquele pobre homem traído era tragado por pensamentos sombrios e, talvez, autodepreciativos, eu me virei para receber o belo rosto e sorriso de minha prima Judite, que acompanhava Fernando ainda meio zonzo; agora são amigos, inclusive. Judite sorria, como eu esperava, esperava a horas, a propósito. "Por que demorou tanto, prima minha?", estendi minha mão a Judite, "Porque o pneu do ônibus furou, primo meu, e tivemos de esperar outro ônibus pois o socorro ia tardar a chegar!", disse ela enquanto eu beijava sua mão. "Puxa", respondi, "E você, primo meu, por que está brigando com estes homens no meio da rua?" Fiquei deveras consternado, é verdade, pois a primeira coisa que minha prima pensou foi que eu estava *peleando* com dois homens na calçada, mesmo que nunca tendo demonstrado atitudes grosseiras. "Não" foi o que consegui responder.

Então tomado pelo bom senso, ou quem sabe apenas galanteava com minha doce prima naquela hora, Fernando pôs-se a explicar. "Olha moça, eu sou o Fernando…", foi assim que soube o nome do déspota, "... e seu primo tava ajudando separar a briga entre eu e o cara ali."

Pobre rapaz careca e traído. Eu quase havia me esquecido dele!

"Oh, primo meu, sua bondade não tem limites!", disse Judite sorridente, que, quase, me fez esquecer do ultraje de pensar que eu estava envolvido na barbárie. "Eu sei", pensei eu, mas não disse! Nem tudo que penso eu digo.

Foi então que uma mão segurou em meu ombro. Eu posso descrever a sensação desta pegada em meu trapézio adjacente como *a mão de alguém que ficou dentro de um poço frio por alguns dias, durante o inverno.* Me virei, claro, com cuidado para ver a quem pertencia tal aperto tão pútrido; e para minha surpresa era o rapaz. O careca e traído, da briga.

E ali eu vi verdade. Assim como vi verdade nos olhos revirados de Fernando enquanto tomava, merecidamente, um murro em sua boca depois de dizer que amava a mulher daquele homem. Aquele rapaz com os olhos marejados olhou nos meus e disse "Você acha que eu deveria tá me cuidando, investindo no meu progresso, invés de tá brigando na rua com esse cara aí por causa de uma mulher que não me ama mais?"

"Pois sim."

Eu não imaginava que um rapaz careca de trinta e tantos anos pudesse ter um sorriso tão lindo quanto aquele. Eu me senti renovado, minha própria auto-estima foi tomada de júbilo. "Obrigado", ele disse a mim. "Obrigado", ele disse a Fernando. "Com licença e me desculpa", se dirigiu a Judite. E foi-se embora.

Ficamos, nós três, Fernando, Judite e eu, alguns instantes vendo aquele rapaz caminhar, até sumir na multidão. Talvez eu devesse tê-lo abraçado, eu queria, mas tenho dificuldade de me expressar nestas horas, sabes?

"Você ficou com a mulher daquele homem mesmo?", perguntou Judite a Fernando quebrando o silêncio finalmente. Eu continuei a olhar mais um pouco, para multidão perturbada agora, pois o rapaz já havia

sumido de minha visão a algum tempo. Fernando admitiu, Judite perguntou por quê. Minha prima tem um dos corações mais doces e belos que já conheci, mas sua curiosidade *jornalística* me incomoda, então me pus a caminho de minha mesa e de minha empada, agora provavelmente pavorosamente fria.
Logo que passei, pela terceira vez dentro da mesma hora, pelo umbral da porta da birosca de seu Paulo, este me recebeu com os olhos mais abertos que janela barroca. “Que houve?”, parou em meu caminho perguntando, “pergunte a estes dois”, respondi me desviando e mirando minha antiga cadeira.
Eu sabia que a esta altura minha prima já tinha, detalhadamente, explicado o que houve mesmo sem presenciar. Vejam, já disse que não compactuo nem defendo a fofoca, mas é um dom o que Judite faz com os fatos que chegam a ela. Ela descobre nuances do acontecimento que nem os protagonistas sabiam. E pela cara de senhor Paulo e Fernando, enquanto Judite contava, a história era das boas.
Eu. Eu estava sentado conferindo aquela anedota do brasileiro médio na mesa em frente a minha, sobre um galã, uma mal amada e um tonto. A beleza disso tudo é que o tonto é o mal amado, mal amado era o galã, por ele mesmo, e galã era a moça, que deixou dois bocós de quatro de estapeando. Quatro bocós, se contar o meu agressor e eu que, indiretamente sofremos a balbúrdia de sua beleza. Me faltou brio, é verdade. Onde eu estava com a cabeça quando intervi na situação? O senhor Paulo me requisitou apenas, curioso, saber o que era. Eu poderia, sim, ter espiado pela janela e voltado. Enquanto pensava,voltei a minha empada, agora hora adormecida, e constatei o que já sabia e me arrependi de não confiar no que sei. A empada estava fria.
Ah! Explicando uma coisa para não parecer que sou arrogante. Como minha empada estava fria, pus-me a observar aquela conversa, Judite, Fernando e Paulo. Depois dali Fernando se despediu, não sem antes deixar seu telefone. “Vê se me liga depois hein”, me disse antes de ir. E eu liguei mesmo. E por isso que somos amigos hoje e que ele me pediu ajuda ontem, logo antes de protagonizar aquele absurdo. Já volto nele. Enfim, depois deste dia posso dizer que Fernando e eu nos tornamos amigos. E por, pouco antes nesta epístola eu disse que Fernando é “mal amado por ele mesmo” e explico, em dois momentos, minha afirmação.
Primeiro, na semana seguinte a briga, a empada, a espera de minha prima e minha amizade forjada com Fernando, estávamos reunidos, Fernando, Judite e eu, em um bar que não o do senhor Paulo. Afinal os outros dois queriam embebedar-se e na bodega do senhor Paulo, marido de Lúcia e pai de Pedro, isso não é lugar para tal, fomos em outro lugar qualquer. Eu não sou chegado a bebida, quando tomo dois tragos a mais eu desembesto a falar e isso eu acho vulgar em um homem. Bom, afirmo tal fato sobre o amor próprio de Fernando por estes dois pontos. Um, a esposa do careca e a briga. Fernando, sem capacidade de conquistar sua mulher, ousou tomar a mulher do próximo sob pretexto de amá-la. Além de amá-la em vão, foi usado pela moça que, ao ver seu marido tão renovado pelo amor auto suficiente, derreteu-se pelo homem novamente.
Dois, na semana seguinte a briga que me levou a conhecer Fernando, semanas atrás do tempo presente, estávamos reunidos nós três, Judite, Fernando e eu, porque Fernando precisava de ajuda. Uma semana após ter seus cabelos esvoaçantes subtraídos e ser rejeitado, o crápula estava apaixonado de novo pela mulher de outro homem. E ele chamou a mim, e minha prima veio para fazer a cobertura do evento, para ajudá-lo contra a fúria do pobre *cornudo*. Por azar meu, e dele, ele não conheceu Pedro naquele fatídico dia. Pedro é forte, bem mais forte que nós dois, Fernando e eu, juntos. Mas, como me compadeço ao pedido de ajuda de amigos, mesmo que recém feitos, fui ao socorro do estranho. Estranho de esquisito, pois agora já o conhecia, *“conversamos”* muito durante a semana, ele me enchera de mensagens.
Bom, desejava eu, de novo, que fosse Pedro em meu lugar, pois Fernando atraiu um verdadeiro brutamontes para nós daquela vez. Se o primeiro fora um franzino, careca e de olhos tristes, desta vez

vos digo que o próximo era deveras bem apessoado, muito mais que Fernando, forte, alto e viril. “Ah, seu desgraçado”, foram as primeiras palavras dele ao entrar no recinto, assustando todos em volta. Era tardezinha, o lugar estava cheio e o varão bradava alto. “Então é você que fica no insta da minha mulher falando gracinha né?”, ele se aproximou de nossa mesa. Nessa hora pousei minha mão no joelho de Judite, sereno, para lhe transmitir confiança. Ela me olhou com olhos de “me ajuda” e eu sorri com lábios de “estou aqui”.

O homem pegou Fernando pelo colarinho e fez menção em atirá-lo na avenida para servir de quebra molas de algum veículo, como se o corpo de Fernando aguentasse tal provação. Não olhei para Fernando na hora, ele me confessou ter ficado chateado depois, por eu não “ter me importado”. Oras, embora não estivesse mirando nos olhos, eu estava posto a bolar um plano para comer o lanche de presunto com mostarda em paz, MAS também estava muito preocupado com Fernando. Mais ainda com Judite.

Minha prima, doce que só, apertava minha mão em seu joelho com muita força e minha preocupação com ela, com Fernando, aumentava. Não porque o homem ali poderia, de fato, lançar Fernando, e eu, caso quisesse, facilmente no meio da rua. Eu estava mais preocupado com Fernando por conta de sua vertiginosa vontade de ter a vida abreviada por algum homem mais forte, mais habilidoso e mais perigoso que ele.

Eu o conhecia, naquela ocasião, há nove dias e começava a cultivar, além da justificável preocupação, um certo apreço pela sua visão de mundo. Para Fernando, o fio da meada não importava muito, Fernando era um artista do absurdo. Improvisa sempre a partir do último susto que a vida lhe apresenta e leva a situação para outro patamar, tentando assustar a própria vida, talvez. A Obra Prima não é vislumbrada e, pelo que vi, não só nos nove dias, mas até agora, nem é sentida. E meu apreço pela sua visão de mundo começa aí. Ele é um homem livre! Apenas age, por pulsão de morte, com uma paixão digna de macacos abrindo crânios uns dos outros quando descobriram o porrete.

“PRIMO!”, me chacoalhou Judite apontando para algum lugar. Me perdi por alguns segundos em meus pensamentos e foi o suficiente para o homem arrastar Fernando até a porta, era para isso que minha prima apontava. Resgatado das brumas de meus julgamentos, fui em socorro de minha prima ajudar Fernando, que estava agarrado numa mesa já próximo a saída para seu destino.

“Com licença”, pedi ao homem, “minha prima está assustada, assim como as outras famílias aqui presentes”, continuei explicando ao homem que eu precisava ir embora e levar a doce Judite, minha prima, que viera do interior estudar jornalismo. O homem, além de bruto, era cortês, me ouviu com atenção e após um “Opa, campeão…”, soltou Fernando, instintivamente, para me abrir passagem com Judite. “A propósito”, arrematei, “O pedante que teve a audácia de importunar seu matrimônio estava comigo, e minha prima, em nossa mesa, como pôde ter notado quando chegou aqui no recinto, e, o fato, embora pareça apenas chacota com sua ira, é a mais pura verdade, no meu humilde julgamento. A verdade é que este homem…”, apontei para Fernando que, mais uma vez, auxiliado pela doce Judite, se levantava de sua humilhação por ter, de novo, perdido para seu desejo lascivo de não deitar-se sozinho no escuro. “... este homem merece a lei aplicada a pessoas que transgridem o matrimônio alheio, eu conheço a lei, mas este pobre coitado é louco e são em suas ações. Mal sabe diferenciar risoles de enroladinho. Veja, acha mesmo que alguém, são, tentaria tomar-lhe a esposa. Olhe para ele. Franzino, cabelo ensebado e se veste como garoto de 16 anos…”, fiz com a mão para que Fernando, que me olhava bem feio, e Judite saíssem pela porta que agora eu segurava aberta, enquanto concluía aquela deliciosa sessão de retórica com o proto-espartano bem apessoado em minha frente. “O rapaz sofre de *Paixotite Panaquense* e não merece, sequer, sua atenção. Então, lhe agradeço tão fraterno bate papo. Peço a ti licença e sugiro que se desculpe com estas famílias que aqui ceiam.”

O homem olhou em volta e vacilou um instante, aparentando ficar mais baixo. O grandalhão deu dois passos para dentro do salão, observado por todos e eu, ainda segurando a porta, pus-me fora daquele bar, ainda com fome, mas pelo menos Judite me agradeceu com um beijo e Fernando, invejando-me com os olhos mal agradecidos, reclamou que eu não me importei com sua iminente partida e ainda fora eu o agraciado com um beijo da donzela. Expliquei-lhe que a donzela em questão é filha do irmão de meu pai, portanto, minha prima, e a gratidão, além de justa, dar-se-ia por segurança familiar e nada mais.

Queria ter ficado e ajudado o grandalhão a se desculpar, afinal, eu sei que Fernando incomoda muita gente, mas como o tosco é meu amigo me retirei.

Depois desse dia, muitos outros nove se passaram e eu oscilo, é verdade, entre a admiração pela ingenuidade de Fernando e a raiva pelo seu desprendimento pela erudição e sentido da vida.

Lhes conto esta breve epopeia de minha amizade com Fernando, para então, agora, expor tal absurdo que me obrigo a explicar.

Dizia eu que no fundo daquele restaurante, meio a música, fumaça e frio, Fernando me acometeu com sua arte.

Chegou sorridente com duas bebidas enlatadas para nós, me deu tapinha nas costas, perguntou o que eu achava da música, brindamos. Ficou claro que ele precisava de algo, pela nona vez. “Fala, Fernando”, encurtei o rodeio e ele falou.

Falou que, enquanto pegava bebidas, ele avistou uma moça, muito bonita, postura culta e olhar de poucos amigos, disse que deu um “oi”, mas não teve resposta tão calorosa. E, então, arrematou seu pedido com seu ponto final quadrado, “como você fala muito é mais fácil de quebrar o gelo!” Eu de fato fui falar com a moça, mais preocupado se ela tinha um companheiro que poderia nos perseguir depois do que com os amores de uma semana de Fernando. Ficamos amigos, a moça e eu.

Mas notam o disparate que ousou proferir Fernando?

Falo muito? Eu? Insulto! Foram anos de ensino médio traumático, valentões, paixões e desamores, teatro na igreja, locuções em porta de lojas, tudo para que em um mundo de Fernandos Livres, que inclusive falam o que pensam sem o menor polimento e consciência, de Judites obstinadas em alcançar seus sonhos, de Lúcias zelosas, de Paulos queridos, de Pedros fortes e de Carecas apaixonados por si, eu falo.

E não falo muito, falo o suficiente. E, para o bem de todos, eu sou o Tagarela.

Agora, urge a precisão de botar os pingos nos is de Fernando, mas não tanto quanto a de saborear uma empada de Lúcia sem a falastrice de meu amigo, eu me despeço e agradeço a liberdade para abrir-lhes meu coração.

Sinceramente,
D.

PS: Judite manda lembranças.